

verdadeira propaganda. As melhores ideias expostas por impotentes ou fracos parecem destituídas de importância e de virtude. Cabe-vos a vós pô-las em relevo, fazê-las acolher com simpatia, dado o ímpeto da vossa coragem, a elevação do vosso pensamento e a dignidade da vossa vida.

Da Correspondência de

Eliseu RÉCLUS.

As autoridades revolucionárias

A principal razão porque tódas as autoridades revolucionárias do mundo fizeram sempre tam pouca revolução é *terem sempre querido fazê-la por si mesmas, pela sua própria autoridade e com a sua própria força*, o que nunca deixou de produzir dois resultados: primeiro, restringir excessivamente a acção revolucionária, pois é impossível, mesmo à mais inteligente, franca e enérgica autoridade revolucionária, abarcar muitos problemas e interesses ao mesmo tempo, sendo qualquer ditadura, tanto individual como colectiva, quando composta de várias personagens oficiais, necessariamente muito limitada, muito cega, e incapaz de penetrar nas profundidades e de abranger tóda a amplitude da vida popular, — assim como é impossível ao mais poderoso navio medir a profundidade e a largura do oceano; e em segundo lugar, produzir a reacção, pois qualquer acto, legalmente imposto, de autoridade e força oficial, desperta necessariamente nas massas um sentimento de revolta.

Que devem, pois, fazer as autoridades revolucionárias — e procuremos fazer com que haja disso o menos possível — que devem elas fazer para estender e organizar a revolução? *Devem, não fazê-la por si mesmas com decretos, não impô-la às massas, mas provocá-la nelas*. Devem, não impôr-lhes uma organização qualquer, mas suscitar a sua organização autónoma de baixo para cima, trabalhando à socapa, por meio da influência individual sôbre as pessoas mais inteligentes e mais influentes de cada localidade, para que essa organização seja o mais possível conforme aos nossos princípios.

Nisto reside todo o segredo do nosso triunfo.

Que êsse trabalho encontre dificuldades, quem duvida disso? Mas imagina-se então que a revolução é uma brincadeira infantil, e que se pode fazer sem vencer inúmeras dificuldades?

Os revolucionários socialistas dos nossos dias nada ou quase nada teem que imitar nos processos revolucionários dos Jacobinos de 1793. A rotina revolucionária perdê-los-ia. Teem que trabalhar no vivo, teem que criar tudo.

Miguel BAKUNINE.

(Setembro de 1870).

AS GUERRAS

Algumas das suas causas

A guerra veio da rivalidade entre os estados na disputa do poder e da riqueza. Isto é universalmente aceito. Sejam quais forem as diversidades de opinião que prevalecem nos diferentes países interessados, ninguém pretende que a guerra tivesse origem em qualquer necessidade da civilização, em qualquer impulso generoso ou ambição nobre. Conforme o conceito popular da Inglaterra, nasceu a guerra única e exclusivamente da ambição da Alemanha, vinda à conquista de território e poder; e, conforme o conceito popular alemão, nasceu da ambição da Inglaterra, correndo a atacar e destruir a riqueza crescente da Alemanha e a sua força. Assim, para qualquer dos beligerantes, a guerra mostra-se como imposta por uma pura perversidade, e sob nenhum aspecto tem justificação moral de espécie alguma. Êstes conceitos, na verdade, são demasiado simples quanto aos factos; mas... a guerra procedeu da rivalidade de império entre as grandes potências, em tóda a parte do mundo. A contenda entre a França e a Alemanha no governo de Marrocos; a contenda entre a Rússia e a Áustria no governo dos Balcans; a contenda entre a Alemanha e outras nações no governo da Turquia — fôram estas as causas da guerra.

É a cobiça de mercados, concessões e colocação de capitais que está por

detrás da politica colonial conduzindo ás guerras. Os estados concorrem ao direito de explorar os fracos, e nesta concorrência os governos são movidos e tutelados pelos interesses financeiros. O inglês foi ao Egipto por causa dos préstamistas, o francês foi a Marrocos por causa do minério e da riqueza. Em todo o Oriente, no mais próximo como na mais distante, são as concessões, o comércio e os empréstimos que levaram à rivalidade das potências, à guerra sobre a guerra, às expedições punitivas e, ironia das ironias! às indemnizações, extorquidas como uma nova fôrma, e especial, de roubar os povos que se levantam, esforçando-se por se defendem dos roubos. Por um momento, as potências combinam suprimir a vítima comum; no dia seguinte, lançam-se umas sobre as outras a disputar o espólio. Estes são realmente na sua nudez os factos sobre as questões entre os estados a respeito da politica commercial e colonial. Enquanto a exploração dos países menos desenvolvidos fôr dirigido por companhias, não tendo outro fim senão os dividendos, enquanto os financeiros determinarem a politica dos governos, enquanto as expedições militares acabando em anexações fôrem postas aos ombros do público por motivos que não podem confessar-se, hão de acabar em guerra as nações que começaram pelo roubo, e milhares e milhões de vidas inocentes e generosas, as melhores da Europa, hão de perder-se inutilmente, sem fim algum, porque interesses sinistros jogaram na sombra a paz do mundo em proveito do dinheiro das suas algibeiras.

(The European Anarchy)

G. LOWES DICKINSON.

O ódio que a Alemanha burguesa incuba no seu próprio seio é terrível! O que ela faz é suicidar-se. Mas a honra do proletariado e a salvação do socialismo exigem que a desforra venha de dentro, do próprio país, por obra do proletariado revolucionário, e que ela seja implacável, exterminadora, regeneradora.

Angélica BALABANOFF!

(Estocolmo, 2 de Março de 1918)

A paz russo-germânica

Os socialistas independentes alemães protestaram contra as condições de paz impostas aos revolucionários russos e votaram contra o tratado. Quanto aos democratas sociais da maioria, juntaram à impotencia parlamentar a sua habitual politica dúbia, social-patriótica, fazendo o seu *leader* Scheidemann a seguinte declaração:

«O fim da politica socialista é, após uma eficaz defesa do país, pôr termo à guerra com uma verdadeira paz dos povos, baseada numa reconciliação e afastando para o futuro o emprêgo da fôrça armada. O tratado de paz em discussão não atingiu êsse alvo; as potências centrais tinham prometido concluir com a Rússia uma paz de conciliação e reconhecer o direito dos povos fronteiros a disporem de si. Contrariamente a isso, exigiram que a Rússia renunciasse à Polónia, à Lituânia, à Curlândia.

«A politica de violência não corresponde aos interesses do império alemão, que exigem relações amigáveis e duradoiras entre o povo alemão e o russo. Devemos pedir que aos habitantes da Curlândia, Lituânia e Polónia se garanta o direito efectivo e democrático de disporem de si, para que sejam possiveis as relações amigáveis e duradoiras entre eles e a Alemanha, e entre a Alemanha e o povo russo. Não podemos declarar-nos de acôrdo com a maneira como foram elaborados tais tratados, como o Reichstag foi mantido afastado dessa elaboração, nem com as partes essenciaes do seu conteúdo. Mas visto êsse tratado ter virtualmente terminado o estado de guerra a leste, não o queremos rejeitar: eis porque nos absteremos de votar. Em compensação, aprovamos o tratado com a Finlândia».

Estes sociais-patriotas, que tam bem jogam com a mentira da «defesa do país», ¿ que terão dito da intervenção alemã na Ucraina e na Finlândia, para defesa das respectivas burguesias?

Os Bastidores das Guerras por Krapotkina, 100 exemplares, 2\$10 — 1 exemplar, 3 centavos.